

## COLEÇÃO NARRADORES URBANOS: CIDADES, CIDADINOS E ANTROPÓLOGOS EM UMA ETNOGRAFIA VISUAL

Juliane Bazzo<sup>1</sup>

No artigo intitulado “O antropólogo na figura do narrador”, Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2005) advogam que a oposição costumeira entre escrita e oralidade – a primeira enquanto característica das sociedades complexas e a segunda como distintiva das tradicionais – não se sustenta na contemporaneidade. Os estudos antropológicos em contextos urbanos têm evidenciado que as narrativas orais perduram, justamente porque permanecem fundamentais para a “duração” sociotemporal das coletividades, ao lado dos registros escritos. Nesse cenário, pela via etnográfica, o antropólogo compromete-se com a “duração” das histórias que os sujeitos de pesquisa lhe narram. A antropologia enquanto disciplina alcança assim vitalidade por meio dos encontros entre essas duas modalidades de narradores, cidadãos e antropólogos.

A *Coleção Narradores Urbanos: Antropologia Urbana e Etnografia nas Cidades Brasileiras*, que teve Eckert e Rocha à frente de sua realização, trata da complexidade que permeia esses encontros, no formato de uma etnografia visual. O projeto integra o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev) da UFRGS, iniciativa esta coordenada pela dupla de antropólogas, com o engajamento de uma série de pesquisadores, bolsistas e voluntários. Lançada em 2014, a Coleção reúne nove audiovisuais, entre 13 e 25 minutos, protagonizados por destacados antropólogos brasileiros, que encontram nas cidades espaços privilegiados de pesquisa. A apresentação das trajetórias intelectuais desses profissionais por eles mesmos assinala tanto as potencialidades da antropologia urbana nacional, quanto as contribuições dela a um pensamento global acerca dos fenômenos e dos modos de vida das metrópoles.

De sua própria casa, **Porto Alegre**, as realizadoras convidaram **Ruben Oliven** (1945), cujas preocupações antropológicas articulam a cidade, a cultura e a identidade. Nesse quadro, o estudo por ele realizado na Vila Farrapos, nos anos 70, constitui um marco inicial. O autor concentrou-se em refletir sobre a integração dos moradores desse bairro carente, com muitos migrantes, à capital gaúcha. A partir dessa jornada, trabalhou pelo desmonte da tese de supressão das alteridades culturais diante do desenrolar da

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

urbanização. Há, sim, códigos compartilhados em algumas instâncias, mas em outras predominam grandes diferenças, as quais configuram identidades grupais. Esse viés analítico lhe permitiu enxergar as cidades não como espaços de homogeneização, mas sim de interação.

De **São Paulo**, a Coleção apresenta cinco antropólogos. Entre eles, está **Ruth Cardoso** (1930-2008), de uma geração intelectual que, por ter vivido na pele a urbanização brasileira, inevitavelmente a tornou objeto de intenso debate acadêmico. A pesquisa inaugural da antropóloga, efetuada nos anos 60, deu-se entre migrantes japoneses, que da área rural passaram a viver na cidade de São Paulo, em uma assimilação ágil, a despeito de profundas diferenças culturais. Esse foi o pontapé inicial para, na década de 70, já como professora na USP, voltar-se à periferia paulistana.

Acompanhada de alunos pesquisadores, Ruth verifica nesse espaço a emergência de novos atores políticos, mobilizados em torno de bandeiras étnico-raciais e de gênero, sem recortes classistas. A atuação organizada dessas “minorias” configuraria o que hoje se entende por movimentos sociais. A empreitada de visualizar o Brasil em meio a processos de mudanças e de exclusões trouxe consistência à antropologia nacional que, segundo Ruth, demonstrou-se corajosa em olhar criticamente o próprio país, uma inflexão à época incomum em outros centros de produção da disciplina ao redor do mundo.

Parceira de Ruth na USP, a antropóloga **Eunice Durham** (1932) dedicou-se inicialmente ao estudo dos percursos de migrantes italianos em São Paulo, em trânsito entre o campo e a cidade, num contexto de desenvolvimento industrial. Trata-se de um contingente populacional determinante na formação da classe média paulistana. Posteriormente, ela também abraça a temática das periferias urbanas, de forma a pensar, como exposto na trajetória de Ruth, não só a cidade em transformação, mas sobretudo os grupos sociais que alavancavam as modificações.

Num momento em que a família se situava como uma instituição reacionária, Eunice revelou a não dissolução dos laços parentais rurais diante das migrações urbanas. Ao contrário, tais vínculos surgiam como sustentáculos à inserção citadina dos camponeses. Ela diz ter realizado uma “antropologia na contramão”, pois, em meio à força de ideias marxistas, focou na cultura e não na ideologia, para desvelar a precariedade da noção de classes perante a complexidade das vivências dos migrantes.

Orientando de Eunice, **Antonio Augusto Arantes** terminou seu curso de mestrado em fins dos anos 60, no âmbito do qual pesquisou o ritual do compadrio no Brasil rural. Logo após, auxiliou na criação do Departamento de Antropologia da Unicamp, no qual

se encontra até hoje. No doutorado, por sua vez, assistido por Edmund Leach na Universidade de Cambridge, ele estudou os aspectos sociológicos da literatura popular nordestina. Tal vinculação com o patrimônio cultural veio a constituir uma marca da carreira de Arantes enquanto antropólogo urbano.

A partir da atuação na esfera estatal como consultor, chegou a presidir o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nesse panorama, Arantes se diz um “pesquisador da memória do espaço público”, preocupado em refletir sobre as relações entre patrimônio, Estado e dinâmicas culturais, como também acerca do papel e da responsabilidade dos intelectuais em tais articulações.

Ainda na esteira da linhagem aberta por Eunice Durham e Ruth Cardoso, situa-se **José Guilherme Magnani**, orientado por esta última em seu doutorado na USP. A tese, defendida nos anos 80, surgiu de uma interrogação: o lazer é um elemento significativo na vida dos trabalhadores da periferia paulistana? A temática se mostrava incomum num momento de foco intelectual nas condições de labor do operariado. Ao se deixar guiar pelas concepções dos sujeitos pesquisados, ele descobriu que o tipo de diversão era o menos importante. O mais relevante estava no encontro de pessoas afins, que delimitava o “pedaço”, termo nativo elevado à categoria analítica, para designar uma sociabilidade específica em meio a uma rede de conhecidos.

Mais adiante como docente, à frente do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da USP, Magnani colocou-se o desafio de verificar, juntamente com seus alunos, se a noção de “pedaço” poderia se aplicar a outros contextos citadinos. Assim nasceu mais um instrumento de análise importante, a ideia de “mancha” de lazer, como ambiente que reúne pares não necessariamente conhecidos, abertos ao imprevisto dos encontros urbanos. Com esse arcabouço, Magnani supera o lugar-comum da cidade como espaço de individualização, para ver nela trocas de diversas escalas, em diferentes domínios.

**Teresa Caldeira** recorda-se que ingressou na periferia paulistana graças a um curso, ministrado por Ruth Cardoso e Eunice Durham, sobre a emergência dos movimentos sociais nos anos 70. Envolvida com tais mobilizações, etnografou na pesquisa de mestrado, sob orientação de Ruth, a ação política das classes populares nos primórdios da redemocratização. Mapeou como o imaginário político se construía a partir de dinâmicas cotidianas, desafiando assim concepções estatais e acadêmicas cristalizadas.

A antropóloga concentrou o trabalho de campo no Jardim das Camélias, situado no distrito de São Miguel Paulista, onde posteriormente permaneceu atuante, como

pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Nesse ínterim, já na década de 80, ela percebeu a preocupação crescente dos moradores com o recrudescimento da violência, algo não evidenciado na década anterior, focada na busca de melhorias da infraestrutura urbana. Esse fato a conduziu a delinear sua tese de doutorado, sob orientação de Paul Rabinow, na Universidade da Califórnia, instituição a qual se encontra hoje associada como professora.

Teresa abraçou o pressuposto de que a violência não se coloca como uma questão de bairro, mas sim da cidade como um todo. Por isso, não restringiu a pesquisa à periferia, de modo a não estigmatizá-la enquanto espaço violento precípua. Dirigiu seu olhar ao abandono do centro pelas classes médias paulistanas e à pulverização de condomínios fechados pela cidade. Dessa forma, captou deslocamentos e desigualdades socioespaciais nascentes. Tais movimentos lhe conduziram à conclusão de que os processos democráticos, ao mesmo tempo em que promovem inclusões, determinam novas exclusões e, portanto, lutas incessantes a serem travadas por segmentos marginalizados.

Da cidade do **Rio de Janeiro**, por fim, a Coleção traz três antropólogos. **Gilberto Velho** (1945-2012) retoma pesquisas e conceitos que o fizeram precursor de etnografias sobre estilos de vida e visões de mundo entre as classes médias brasileiras. Durante o mestrado – realizado no Museu Nacional, onde mais tarde se tornaria professor – ele desenvolveu trabalho de campo em um grande edifício situado em Copacabana. A partir da vivência do cotidiano do prédio como um de seus moradores, Velho refletiu sobre a trajetória de ascensão e decadência desse bairro na cidade, processo desenrolado entre os anos 50 e 60. No doutorado, cursado na USP durante a década de 70, sob orientação de Ruth Cardoso, o antropólogo voltou-se às implicações do consumo de drogas por membros da elite da zona sul carioca.

De tais esforços, ele delimitou uma noção analítica fundamental, a de “projeto”. Enquanto ferramenta associada à “biografia” dos sujeitos contemporâneos, o “projeto” possui a função de conferir sentido a condutas e interações, em meio às fragmentações, às contradições e aos conflitos intensificados na modernidade. Dessa forma, Velho argumenta haver um cruzamento inevitável entre a antropologia urbana e aquela das sociedades complexas, posto que ambas não podem prescindir de pensar, sob diferentes ângulos, sobre os impactos perpetrados pela consolidação das metrópoles.

O primeiro contato da antropóloga **Alba Zaluar** (1942) com uma favela carioca aconteceu na Rocinha, a propósito de um comício em defesa da classe operária, organizado por universitários nos anos 60. Expulsos do local, os estudantes se deram

conta de que não havia, como pensavam, uma aliança automática entre eles, os trabalhadores e os camponeses nas lutas sociais do momento. De tal experiência, nasceu em Alba o desejo de entendimento daquele espaço periférico, materializado em seu doutoramento, sob orientação de Eunice Durham, na USP. A tese abrangeu trabalho de campo na nascente Cidade de Deus, condomínio habitacional criado na década de 70, num esforço estatal para eliminar favelas no Rio de Janeiro.

Alba ingressou em Cidade de Deus focada em entender o associativismo nesse novo arranjo residencial. Estava atenta à organização das associações de moradores, de escolas de samba, dos blocos carnavalescos e de times de futebol. Porém, em meio à imersão, ocorreram as eleições de 1982. Esse fato lhe fez ponderar acerca das parcerias e dos acordos entre moradores e políticos. A partir dessa reflexão, pode situar o clientelismo não como um fenômeno de subalternização a classes dominantes, mas enquanto agenciamento para a obtenção de benesses práticas por segmentos marginalizados.

Por fim, ao navegar entre o associativismo e a política, a antropóloga percebeu o poder do tráfico de drogas, descoberta classificada por ela como o “imponderável” da pesquisa. Considerados esses três elementos, Alba costurou uma etnografia das diferenças no interior desse grupo popular, de modo a desmistificar a concepção de que coletividades periféricas seriam homogêneas em virtude da condição de favelização. Tal enfoque analítico inspirou-se na vivência dela como exilada na Inglaterra, ainda nos anos 60, quando fez cursos com expoentes da Escola de Manchester, interessados em compreender segmentações e redes em meio à classe operária inglesa.

**Helio Silva** se define enquanto um pesquisador da vida dos *outsiders* e da questão da tolerância no espaço urbano. Na capital fluminense, como acadêmico e consultor, ele realizou incursões etnográficas entre meninos de rua e travestis no universo boêmio da Lapa. A sociabilidade distintiva deste último grupo constituiu o tema de sua dissertação de mestrado, defendida no Museu Nacional, em 1992. Posteriormente, vinculado à Unesco, desenvolveu uma etnografia sobre as relações da região da Baixada Fluminense com outros bairros do Rio de Janeiro, no âmbito da qual mapeou uma série de “estigmas de localização”. Nos estudos urbanos, Silva defende como primordial o olhar para as interações, mais que para sujeitos isolados, a fim de compreender com profundidade as relações sociais e os conflitos que as permeiam.

As linhas deste texto podem sintetizar as trajetórias intelectuais reunidas na *Coleção Narradores Urbanos*, porém, o impacto dos testemunhos é mesmo profundamente captado quando se assiste aos audiovisuais. Em interação com a equipe de realização do

projeto, os antropólogos ativam lembranças, revisitam locais de pesquisa, reencontram informantes, compartilham memórias, dividem com o público conhecimentos e métodos. A montagem fílmica segue esse fluxo, uma vez que alterna imagens dos entrevistados, de suas cidades e de seus territórios de estudo, ontem e hoje.

Tornar-se espectador dessas produções significa ficar com observações de primeira grandeza a reverberar no pensar e no fazer antropológico. Alguns exemplos dão uma amostra. “A cidade me fascina, atinge minha sensibilidade”, assinala Velho. Magnani, por sua vez, postula: “A cidade é um artefato que está sendo construído”. Ruth, por seu turno, dispara acerca do estranhamento antropológico: “Às vezes, o outro é o vizinho da nossa casa; às vezes, está na Melanésia”. Afirma Alba sobre a Cidade de Deus: “É como se a etnografia nunca acabasse”. Diz Silva a propósito da surpresa etnográfica: “A cada problema novo, o antropólogo é um neófito”. E assim por diante. Lições imprescindíveis de antropologia, para iniciantes e iniciados na disciplina.

## Referências

- BIEV. *Narradores urbanos*. Disponível em: <<http://www.biev.ufrgs.br/grupos-de-trabalho/gt-video-narradores-urbanos.php>>. Acesso em: out. 2014.
- COLEÇÃO NARRADORES URBANOS. Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Porto Alegre, 2006-2013. Nove audiovisuais, 13 a 25 min, cor.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. O antropólogo na figura do narrador. In: *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 33-56.

Recebido em: 10/09/2014  
Aprovado em: 15/11/2014